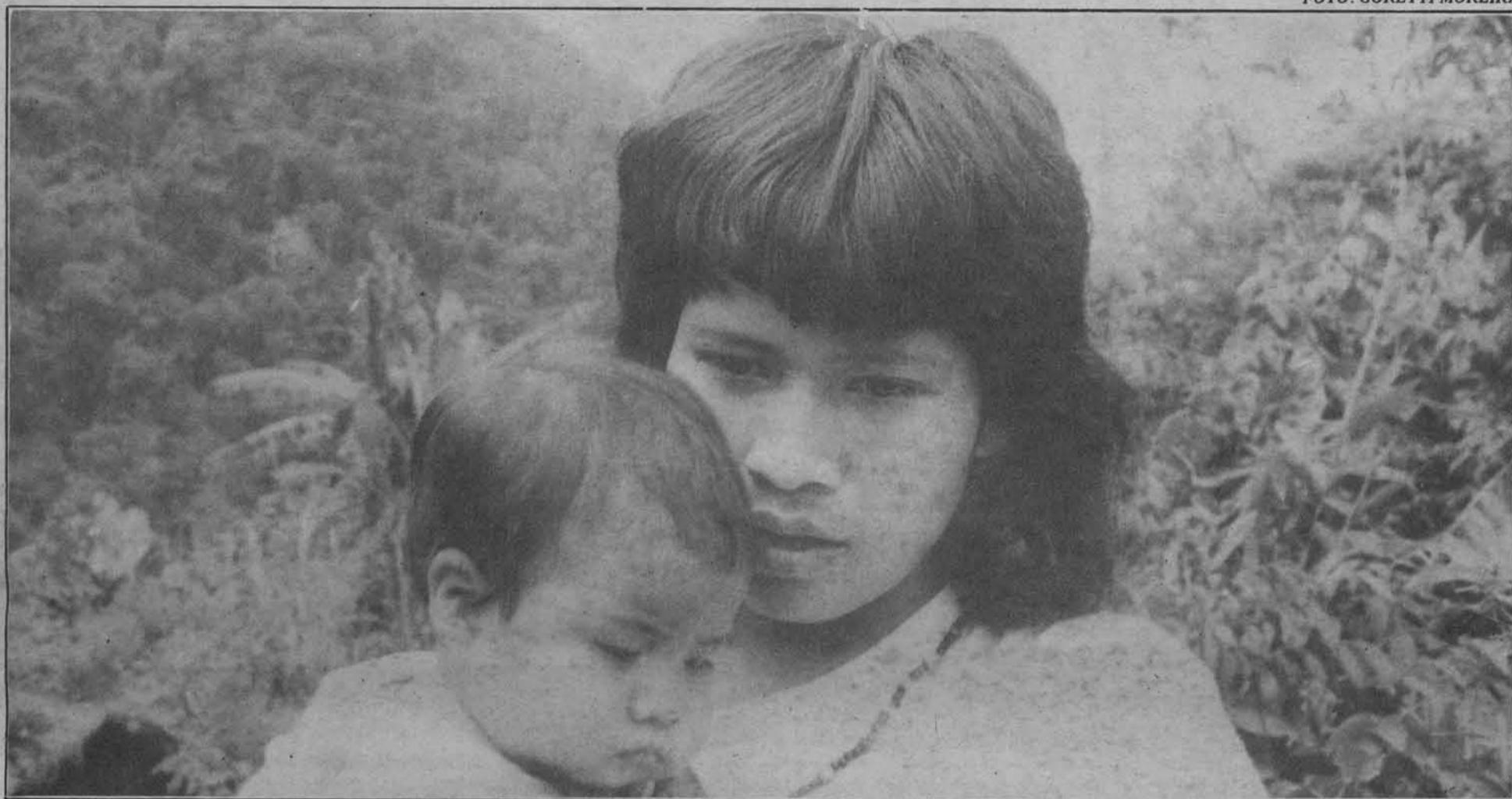


MUSEU AO VIVO

JORNAL DO MUSEU DO ÍNDIO - RJ

ANO I, Nº 01 DEZEMBRO/JANEIRO/FEVEREIRO - 91

FOTO: GORETTI MOREIRA



Em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, os índios Guarani - Mbyá instalaram-se em áreas de mata virgem, onde recriaram seu espaço tradicional, mantendo seu idioma, artesanato, religião e costumes. A escolha do lugar — um local bom para viver e reproduzir o seu modo de ser — faz parte da incessante busca Guarani pelo paraíso, que fica na direção do mar. Hoje, vivem um momento decisivo de sua história: a luta pela demarcação das terras que habitam.

* * *

MUSEU DO ÍNDIO: 37 ANOS DIVULGANDO A QUESTÃO INDÍGENA

Pág. 3

* *

ÍNDIOS GUARANI DEFENDEM SUAS TERRAS NO RIO DE JANEIRO

Pág. 3

EDITORIAL

MUSEU AO VIVO quer pulsar nas mãos de todos que se interessam pela diversidade cultural brasileira. MUSEU AO VIVO é o primeiro jornal do Museu do Índio em seus 37 anos de existência. Promover iniciativas que sejam capazes de despertar no público uma vontade cultural faz parte da programação de um museu que busca ser vivo e comunitário.

Sem pretensões de resolver a problemática indígena, o jornal cumpre os objetivos de transformar esta instituição — única oficial existente no País exclusivamente dedicada à Etnologia Indígena — num centro de discussão e divulgação das culturas e questões indígenas, além de intensificar a relação Museu do Índio e comunidade.

A luta pela causa indígena se explica pela sua grandiosidade: são 200 sociedades que falam 170 línguas distintas, tendo suas próprias histórias, culturas e organizações sociais, econômicas, políticas e religiosas. E o jornal MUSEU AO VIVO objetiva contribuir para a diminuição dos preconceitos presentes na sociedade nacional em relação aos grupos indígenas brasileiros.

Em quatro páginas, seria impossível mostrar o funcionamento rotineiro de um museu: reuniões cansativas de trabalhos, idéias luminosas, irritações burocráticas, pesquisadores apressados, estudantes curiosos, crianças bem humoradas, dificuldades financeiras, resultados favoráveis, etc.

Mais um canal que se abre, mais um espaço de trabalho divulgando a causa indígena. MUSEU AO VIVO vai ser lido por você e também pelos índios da Área Indígena Guarani de Bracuí. E é este intercâmbio cultural que enriquece nossas atividades do dia a dia, levando-nos a refletir sobre os nossos modos de viver e pensar.

Este número foi patrocinado pela Leão Júnior S.A. (Matte Leão), a quem agradecemos por possibilitar a realização deste projeto conjunto da Assessoria de Comunicação Social e Direção do Museu do Índio.

Marta Gontijo, Diretora do Museu do Índio
Cristina Botelho, Jornalista

OPINIÃO

MUSEU VIVO

Com o advento do Governo Collor e sua Reforma Administrativa, as dificuldades, que a área cultural no Rio de Janeiro atravessava, se agravaram. Não foi nem um ou dois Museus do Rio de Janeiro que pediram SOS. Pudemos acompanhar pelos jornais e pelas várias assembleias de servidores as denúncias sobre a ausência de critérios da Reforma Administrativa que colocou milhares de servidores em disponibilidade e demitiu outros tantos.

O Museu do Índio não é um oásis no deserto. Também foi atingido e quase abatido pela nova conjuntura política-econômica.

Nove colegas foram colocados em disponibilidade, o serviço de segurança e a assinatura de jornais foram interrompidos, a efetivação de uma estrutura interna para o Museu suspensa e os recursos orçamentários drasticamente reduzidos.

O Museu do Índio está integrado à comunidade e à vida cultural do Rio de Janeiro. Ele precisa estar sempre aberto, vivo, para que a Cidade não fique privada de mais um espaço cultural e as populações indígenas sem uma instituição divulgadora de suas culturas e de sua causa.

Associação dos Servidores da Fundação Nacional do Índio — ANSEF/Rio de Janeiro.

EXPEDIENTE:

MUSEU AO VIVO

Jornal do Museu do Índio

- Publicação trimestral
- Edição: Marta Gontijo e Cristina Botelho

Consultoria Técnica: Maria Elizabeth Brêa Monteiro (Antropóloga)

Produção: Jotanes Edições

- Distribuição gratuita — N.º 1 — novembro/dezembro/janeiro - 91
- Tiragem: cinco mil exemplares

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ
CEP - 22.270
Tels.: 286-8799 e 286-8899



Ricardo Pinheiro

ENTREVISTA

MV — Para intensificar a relação museu e comunidade, precisa-se cumprir dois princípios: presença e participação. Como, na prática, isso pode acontecer?

RP — Em primeiro lugar, o museu precisa se apresentar à população do bairro: quem é ele e qual o seu trabalho. Na verdade, não existem, atualmente, projetos contínuos de interação das instituições culturais com as comunidades e, sim, realizações de atividades isoladas.

É necessário o museu ir a campo, mostrando o que ele pode oferecer de benefícios. As pessoas estão ávidas por cultura e têm que se sentir atraídas pela instituição.

MV — Em Botafogo, encontram-se órgãos de pesquisa, institutos científicos e grande número de estabelecimentos de ensino, colégios de renome, além de universidades. As populações do asfalto e das favelas têm acesso a esse acervo científico-cultural?

RP — As pessoas não conhecem totalmente o que existe no bairro. No caso das universidades, há uma certa resistência. Elas se fecham na questão acadêmica e não saem para uma relação extra-muro. Mas, o potencial de trabalho pode ser muito grande.

Há uma falta de entrosamento da comunidade como um todo com os vários órgãos científicos-culturais de Botafogo. E acontece, assim, o problema da não identificação por parte destas populações com as informações disponíveis, ficando difícil extrair todo esse conhecimento acumulado.

Os museus como as outras instituições não deveriam ser “tesouros” fora de alcance de toda a população, já que cultura não é um bem exclusivo das classes média e alta. Com uma maior interação entre órgãos culturais e comunidades todos sairiam lucrando. Além do acesso à informação ser democratizado, as classes populares ofereceriam aos primeiros uma estratégia diferente de trabalho, isto é, a cultura encarada do ponto de vista mais popular.

MV — Você pode citar experiências positivas nessa questão?

RP — Sim. O Projeto Rio Zonal Sul que envolve o Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ e a Zona Sul da Famerj, além do Corredor de Saúde de Botafogo, envolvendo duas unidades também da UFRJ — o Instituto de Neurologia e o de Psiquiatria — e os Hospitais Pinel e Rocha Maia. Basicamente, esses projetos procuram a integração da população de Botafogo e de outros bairros da Zona Sul com as entidades de saúde locais.

Ricardo Pinheiro é Diretor-Cultural da Associação de Moradores de Botafogo — AMAB.

Museu do Índio Funciona no Rio de Janeiro como Espaço de Criação e Preservação

O Museu do Índio, órgão científico-cultural da Fundação Nacional do Índio - Funai, tem como principal objetivo desenvolver o interesse coletivo pela causa indígena. Inaugurado no dia 19 de abril de 1953, o Museu do Índio está instalado desde 1978, em casarão construído no século XIX, tombado pelo Patrimônio Histórico, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Os setores técnicos de Linguística, Pedagógico, Museologia, Etnologia Indígena, Documentação e Biblioteca, Antropologia Visual, Arqueologia e Antropologia Jurídica desenvolvem, entre suas atividades, estudos e investigações científicas de forma integrada. Com a finalidade de abrir canais para a divulgação da questão indígena nos meios de comunicação, foi criada, em 1986, a Assessoria de Comunicação Social.

Compõem o acervo deste Museu 10 mil peças (máscaras, adornos, cestarias, objetos de cerâmica e madeira, instrumentos musicais e brinquedos), 26.500 volumes, 500 mil documentos inéditos e 50 mil negativos fotográficos que registram a realidade dos grupos indígenas brasileiros, alguns já desaparecidos.

O órgão, enquanto dinamizador cultural, vem desenvolvendo um elo com a sociedade através dos eventos de fins de semana. A programação variada e gratuita atrai um número cada vez maior de público - cerca de três mil visitantes por mês -, que procuram conhecer mais de perto os modos de pensar e viver dos índios.

A exposição permanente do Museu do Índio aborda três aspectos da vida indígena:

o mundo econômico e os universos social e simbólico. O primeiro retrata aspectos relativos à alimentação e vestuário, mecanismos de consumo e distribuição de riquezas ilustrados pelo Moitará. O universo social reproduz as relações de parentesco, políticas e sociais; pintura corporal e adornos, distintivos de posição social, sexo e idade. O simbólico está representado no Kuarup que revive a criação do mundo xinguanu pelo herói mítico Mavutsimin e na corrida de toras praticadas pelos grupos Timbira (MA/TO).

O Museu também organiza mostras temporárias e exposições itinerantes que percorrem escolas e instituições culturais no País e no exterior, difundindo as culturas dos povos indígenas brasileiros.

As visitas orientadas com atividades são promovidas pelo Setor Pedagógico e devem ser marcadas com antecedência. Funciona, ainda, em conjunto com este setor a Brinquedoteca Hapi ("entrada" em Yanomami): um núcleo de lazer com acervo de 1.500 brinquedos industrializados, artesanais e indígenas.

O Museu do Índio está aberto ao público de terça a sexta-feira, das 10 às 18 horas; aos sábados e domingos, das 13 às 17 horas. Os visitantes podem conhecer também a Loja Artíndia - de artesanato - que vende peças de grupos indígenas do Brasil (de segunda a sexta-feira, das 9 às 18 horas; aos sábados e domingos, das 13 às 17 horas).

Telefones: Documentação e Antropologia Visual: 286-0399 - Biblioteca: 286-7745 - Pedagógico: 286-2097



Foto: Lamônica

Prédio do Museu do Índio/1988



USANDO A TRADIÇÃO



E ABUSANDO DA QUALIDADE

ÍNDIOS GUARANI NO RIO DE JANEIRO RESISTEM E LUTAM PELA DEMARCAÇÃO DE SUAS TERRAS

Por Cristina Botelho

Foto: Goretti Moreira



Todas as crianças falam o Guarani

Nos últimos três anos, 15 crianças já nasceram na Área Indígena Guarani de Bracuí, no Município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, onde vivem 300 índios numa área de 700 hectares, revelando a incrível resistência do povo Guarani na luta pela sua sobrevivência física e cultural.

Em 1977, o Cacique R'odju já vivia em Bracuí com a família - única no local - num conjunto de 20 pessoas. Em dezembro de 1987, o índio João da Silva, Cacique da aldeia de Paranaguá, de 77 anos, visitou a área e se entusiasmou: começou a liderar, então, a vinda do seu grupo, proveniente da Ilha da Cotinha, Paraná. No momento, vivem na área 60 famílias (100 crianças), morando em 30 casas.

O processo de regularização da terra está sendo efetuado através de convênio firmado, em 26 de agosto de 1987, entre a Fundação Nacional do Índio - Funai e o Governo do Estado do Rio de Janeiro. Os índios Guarani aguardam ansiosos a demarcação da área e a documentação que lhes garanta definitivamente a sua posse, o que para eles se tornou fundamental.

Em 1986, o Governo Brizola assinou decreto declarando de utilidade pública para fins de desapropriação a área em questão. No ano seguinte, o Museu do Índio (RJ), órgão da Funai, deu início às negociações com o Governo do Estado que resultaram na assinatura do Convênio, cabendo à Funai o fornecimento dos recursos para a indenização dos imóveis e ao Estado a demarcação física da Reserva. Com o apoio da equipe do Museu do Índio, a Secretaria Estadual de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos colaborou no assentamento dos indígenas e na organização de um novo aldeamento.

RECURSOS

Os Guarani escolheram a área de Bracuí para viver, tendo em vista fatores importantes ligados à preservação de sua cultura tradicional: lugar alto com rio limpo, de difícil acesso; existência de mata virgem, propiciando caça e coleta e terra fértil para o plantio do milho e da mandioca. O ciclo do milho é fundamental para o estabelecimento do calendário social e religioso do grupo. "Assim que a terra estiver demarcada, queremos aumentar a plantação e a criação de animais", informou o Cacique João da Silva.

A alimentação se baseia, principalmente, na mandioca e milho, plantados na horta da Reserva, e em frutas como manga, banana, abacate, abacaxi e tangerina; caça não predatória de gambá e tatu e na criação de galinhas.

A comercialização do seu artesanato à beira da Estrada Rio-Santos tem se constituído na principal fonte de renda do grupo. É do seu território que os índios obtêm a taboca, o cipó-titica, a palha e o bambu, matéria-prima para a confecção das suas peças.

Na área, onde funciona um Posto Indígena da Funai, a desnutrição, a tuberculose e a verminose são as doenças mais frequentes, conforme declaração da Enfermeira Íris da Silva Araújo.

MANTENDO A IDENTIDADE

Os Guarani, desde que saíram de seu habitat tradicional (imemorial), na Bacia do Paraguai, devido à pressão dos colonizadores, vivem em busca da Terra Sem Males (paraíso mítico). Nesta procura, chegaram ao litoral do Rio de Janeiro e de São Paulo há mais de 30 anos. Conforme laudo técnico das Antropólogas do Museu do Índio, Arilza de Almeida e Sheila Sá, "a presença do subgrupo Guarani-Mbyá no Rio de Janeiro é consequência de deslocamentos empreendidos, desde o século XX, por seus antepassados rumo ao leste, movidos pela inspiração divina em busca da Terra Sem Males."

Todas as crianças abaixo de 13 anos frequentam a escola da área, para assistir as aulas do Professor Argemiro (filho do Cacique João), que ensina Guarani e Português, o que revela a preocupação de que as crianças não esqueçam a língua falada pelo grupo.

A preservação de costumes e, sobretudo, o culto às crenças religiosas originais são os meios pelas quais os Guarani conseguem manter a sua identidade. "O índio para ser reconhecido como índio não pode aceitar a religião do branco, senão descontrola tudo. O índio tem a sua fé, o seu Deus", explicou o Cacique Aparício.

No Brasil, cerca de cinco mil Guarani estão hoje espalhados pelos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. Um grande número de Guarani vive também em outros países sul-americanos como Paraguai, Argentina e Bolívia.

PESQUISA INDÍGENA

MUSEU DO ÍNDIO EDITA CARTILHA

PARA PROFESSORES E ALUNOS KARAJÁ

Por: Carlos Perez
Pesquisador do Museu do Índio
Setor de Linguística

A edição de cartilhas de educação bilíngüe para os índios Karajá constitui-se em uma das modalidades de ação nas quais o Museu do Índio demonstra seu compromisso não só de contribuir para que as sociedades indígenas conservem seus valores fundamentais, mas também de dotá-las com técnicas de percepção do "mundo dos brancos" de modo que possam elaborar com maior autodeterminação suas estratégias de sobrevivência.

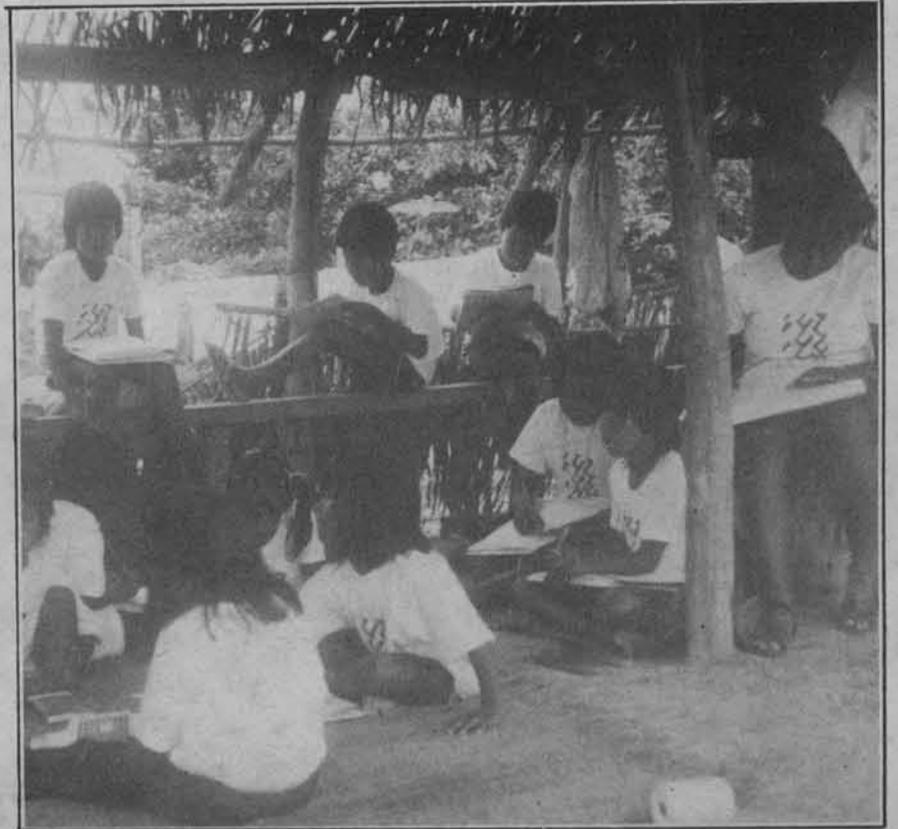
A percepção de que novos materiais didáticos se faziam necessários para as escolas Karajá se manifestou durante o Curso de Reciclagem Pedagógica ocorrido, em 1988, na aldeia Karajá de Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal, quando cerca de 15 professores indígenas bilíngües (falantes do Karajá e Português) e cinco professores não índios atuantes em oito aldeias Karajá e Javaé estiveram reunidos durante duas semanas, para participar de cursos nas áreas de Língua (Português e Karajá), Estudos Sociais e Matemática.

A coordenação geral do Curso de Reciclagem, bem como as atividades da área de Linguagem, foram conduzidas pelo Linguísta Marcus Antonio Resende Maia do Museu do Índio. A programação de Estudos Sociais foi orientada pelo Antropólogo André Toral e a parte de Matemática ficou a cargo do Professor Francisco Roberto Vieira da Universidade Federal Fluminense.

Os professores das três disciplinas constataram que uma das metas que deveriam ser alcançadas com o Curso de Reciclagem era a produção de cartilhas, pois com elas os professores indígenas poderiam desenvolver suas atividades escolares. Dessa forma, foi organizada uma espécie de "oficina", onde os professores indígenas foram estimulados a redigir os materiais necessários em cada área, estabelecendo, assim, a presença viva da cultura Karajá como suporte fundamental para a ação da escola indígena.

Posteriormente, esses materiais foram organizados pelos professores do Curso de Reciclagem Pedagógica e aguarda-se a sua impressão na gráfica da Imprensa Oficial do Município do Rio de Janeiro, que colabora com o Museu do Índio, tornando possível a edição de 500 exemplares. Essas cartilhas serão utilizadas pelos professores e alunos Karajá em 1991.

Foto: Marcus Maia



Escola na aldeia Javaé de Boto Velho

O USO DA ERVA MATE PELOS ÍNDIOS DO SUL

A história do mate (*Ilex paraguayensis*) tem raízes na cultura indígena. Foram os Guarani, ao que tudo indica, os seus descobridores, cujos aldeamentos se localizavam na região do Guafrá, atual Estado do Paraná.

Conforme consta a tradição, os velhos Guarani contavam que foi Tupã que difundiu entre o grupo o uso do caa-í (água-da-erva), bebida resultante da infusão das folhas do caá (erveira ou ervateira) em í (água).

Em 1554, o conquistador da cidade de Assunção, o general Irala, quis expandir seus domínios para transformar a região na "pérola das colônias espanholas na América" e, assim, depois de ter chegado aos pampas argentinos, aos contra-fortes dos Andes e à Sierra Encantada ao norte, resolveu conquistar o leste e, juntamente com seus soldados, invadiu as terras do Guafrá, tendo sido bem recebido pelos Guarani. Observou que eram índios saudáveis e fortes e de enorme resistência ao cansaço. Notou que eles faziam uso de um infusório de folhas que acabava com o esgotamento físico. Ao regressar, Irala levou mudas da ervateira e logo o mate tornou-se produto de largo consumo. A erva foi, então, explorada de forma intensa, com o auxílio dos Guarani, chegando a converter-se em moeda do Paraguai.

Quando tinham grandes distâncias para percorrer, os Guarani mastigavam as folhas de mate ao longo da caminhada, sugando o seu sumo. Na forma de bebida, os Guarani consumiam o mate frio ou quente, usando as folhas ao natural ou "sapecadas" no fogo.

O mate é, portanto, uma bebida reconstituente do vigor e muito digestiva, razão pela qual o gaúcho saboreia seu típico churrasco acompanhado de chimarrão bem quente, que é também consumido frio com o nome de Tereré.



IMPRESSO